

## *Anton, o amigo de todo mundo*

*Por Stefan Zweig*

**E**U SERIA um ingrato se tivesse esquecido a pessoa que me deu a conhecer duas coisas das mais difíceis de realizar na vida: como pode um homem, pela sua simples liberdade interior, libertar-se a si mesmo do mais forte poder deste mundo, que é o poder do dinheiro; e como lhe é possível viver entre os seus semelhantes sem fazer um só inimigo.

Vim a travar conhecimento com este extraordinário indivíduo de um modo bem simples. Certa tarde, na pequena cidade em que eu vivia então, levei meu perdigueiro para dar um passeio, quando o cão, de repente, começou a portar-se de uma maneira estranha. Pôs-se a rolar, frenético, na grama, e a esfregar-se de encontro às árvores, arreganhando os dentes e gemendo.

Enquanto eu perguntava a mim mesmo o que lhe teria acontecido, notei que alguém me acompanhava os passos — um sujeito de cerca de trinta anos, pobremente vestido, sem colarinho nem chapéu. Um mendigo, pensei, e quase levo a mão ao bolso. Mas o rapaz sorriu tranquilamente, a olhar-me com seus olhos claros e azues, como se fôssemos velhos amigos.

«É um carrapato, o que o coitado tem,» disse apontando para o cão. «Venha, vamos tirá-lo.»

Tratara-me por «Du,» o que denota, em alemão, certo grau de intimidade; porém havia, em seu olhar, uma expressão tão doce, que não levei a mal a familiaridade. Acompanhei-o a um banco do jardim, e sentei-me a seu lado. Ele

---

**O** jovial Anton nunca tivera um emprego, mas andava sempre ocupado.

---

chamou o cão com um assovio agudo.

E, por estranho que pareça, Kaspar, meu perdigueiro, geralmente arreado, atendeu-lhe ao chamado sem demora, e, a um sinal do rapaz, pôs a cabeça sobre os seus joelhos. Examinando o pelo do cachorro com seus dedos compridos e sensíveis, o homem por fim soltou um «ah!» de satisfação, e deu início ao que deve ter sido uma operação algo dolorosa, pois que o pobre Kaspar gemeu diversas vezes. Não fez contudo esforço algum por se desvencilhar. De repente, o rapaz largou-o. «Aquí está!» gritou, triunfalmente, levantando na mão alguma coisa. «E agora vá tranquilo, meu cãozinho.» Como o cachorro se afastasse dele, o rapaz levantou-se, cumprimentou-me, e seguiu seu caminho. Fê-lo, porém, tão repentinamente, que só depois me veio ao pensamento a idéia de lhe dar alguma coisa em troca do trabalho que tivera ou, pelo menos, lhe agradecer. Partiu, porém, como chegara — com a mesma irrevogável decisão e a mesma segurança de si próprio.

Em casa, a refletir ainda sobre a estranha conduta do homem, contei o caso à nossa velha cozinheira.

—Ah, foi Anton, exclamou ela. — Ele sempre está pronto para tudo.

Perguntei-lhe qual era o seu ofício, qual o seu meio de vida.

—Nenhum, respondeu ela, como se a

minha pergunta lhe houvesse causado espanto. —E ele precisa de ofício?

—Ora esta, retruquei, todo o mundo precisa de alguma cousa para viver.

—Não Anton, respondeu-me. —Não há quem não tenha prazer em lhe dar seja o que for de que ele necessite. Anton não se preocupa com dinheiro, nem dinheiro lhe faz falta.

Que coisa mais estranha! Eu bem sabia que na nossa pequena cidade, como em todas as cidades do mundo, um pedaço de pão, um copo de cerveja, um capote, uma noite de albergue, tudo custa dinheiro. Como podia aquele pobre diabo, com as calças já no fio, escapar a esta lei, e permanecer, não obstante, despreocupado e feliz?

Resolvi investigar os seus métodos, e não tardei a verificar que a nossa cozinheira tinha razão: Anton efetivamente, não tinha meio de vida de espécie alguma. Vagava pela cidade o dia inteiro—aparentemente sem destino, mas com olhos vigilantes que observavam tudo. Fazia parar um cocheiro, e mostrava que o cavalo do seu carro estava mal atrelado. Notava que uma cerca tinha a apodrecer um dos paus, e procurava o dono afim de sugerir-lhe que o fizesse pintar. A tarefa, em tais casos, lhe era de ordinário confiada—pois todos estavam certos de que não havia de sua parte nenhum espírito de interesse, mas uma espécie de sentimento inato de solidariedade humana.

Quantos pequenos trabalhos tive ensejo de ver, desde então, lhe serem confiados! Uma vez encontrei-o sentado na loja de um sapateiro a remendar sapatos. Outra, servindo de copeiro numa festa, ainda outra levando um grupo de crianças a passeio. Apurei que toda a gente recorria aos serviços de Anton, em qualquer emergência. Encontrei-o

uma ocasião vendendo maçãs num mercado de mulheres, e disseram-me que a dona da barraca, tendo de dar à luz, o incumbira de ficar em seu lugar.

Certo que se encontram em toda a parte homens desocupados, prontos a dar conta, aquí e alí, de qualquer trabalho avulso. Mas o singular em Anton era que, por mais duro que fosse o serviço, se recusava, intransigentemente, a receber mais dinheiro do que porventura precisasse para a sua despesa do dia. Quando as coisas iam bem, não aceitava pagamento algum. «Eu lhe procuro mais tarde, se precisar de alguma coisa,» dizia então.

Refletindo comigo mesmo, cheguei à conclusão de que aquele curioso sujeito, no meio dos seus farrapos, criara, para si próprio, um novo sistema. Tinha fé na probidade da criatura humana; em vez de depositar dinheiro numa caixa econômica, preferia acumular na consciência da população, de que era parte humilde, obrigações morais para com ele; investia o pouco que tinha em créditos invisíveis—e ainda o mais cínico não podia deixar de sentir-se em estado de dívida para com aquele que lhe prestava serviços sem a menor idéia de recompensa.

Para que se tivesse uma prova da geral estima pública de que gozava Anton, nada mais seria preciso que vê-lo passar nas ruas. Todo mundo o saudava cordialmente, ou lhe estendia as mãos. E aquele João Ninguém, metido no seu capote surrado, atravessava a cidade—despreocupado e indulgente—qual se fora um grão-senhor a inspecionar suas terras. Poderia entrar em qualquer porta, ou sentar-se a qualquer mesa; todo o mundo estaria às suas ordens. Jamais compreendí tão bem a força que um homem adquire quando

domina a incógnita de não pensar no dia de amanhã, mas confia tranquilamente em Deus.

Devo francamente confessar que me sentí aborrecido a princípio, ao ver que Anton, após o que se passou entre ele e o meu Kaspar, se limitava a um cumprimento ligeiro quando me encontrava na rua, como se fôssemos dois estranhos. Evidentemente ele não desejava dar maior importância ao pequeno serviço que me prestara. Eu, entretanto, sentí que aquela delicada indiferença redundava em me excluir de uma vasta e amistosa comunidade. Assim, a primeira vez que tive em casa necessidade de alguém para um pequeno serviço—uma goteira no telhado—sugeri à cozinheira que o chamasse.

«Não é possível chamá-lo,» respondeu-me; «ele não para num lugar certo muito tempo. Mas eu vou lhe mandar um recado.» Foi então que vim a saber que aquele estranho indivíduo não tinha casa. Todavia ninguém mais fácil do que ele de ser encontrado; dir-se-ia que um telefone sem fio o ligava à cidade inteira. Era bastante dizer à primeira pessoa a quem se encontrasse na rua—«Eu preciso de Anton»—e a palavra passava de um a um, até lhe chegar aos ouvidos. Com efeito, aquela mesma tarde, ele me apareceu. Derramou sobre tudo um olhar penetrante, mostrando, enquanto atravessava o jardim, aquí, uma árvore que era preciso podar, alí, outra que devia ser transplantada. Finalmente, examinou a goteira e, ato contínuo, pôs mãos à obra.

Duas horas depois, deu por concluído o serviço, e partiu—sem esperar, ainda desta vez, os meus agradecimentos. Mas agora, pelo menos, eu tinha recomendado à cozinheira que o remunerasse generosamente. Perguntando-lhe, de-

pois, a ela, se Anton tinha ficado satisfeito, respondeu-me:

«Ora se ficou! Ele está sempre satisfeito.» E acrescentou: «Eu quis dar-lhe seis moedas; acabou levando duas, que lhe davam para passar hoje e amanhã. Mas disse que se o senhor tiver algum capote velho, imprestavel...»

Nem posso descrever o contentamento que tive ao reconhecer-me em condições de oferecer àquele homem— a primeira pessoa no mundo que vi tomar para si menos do que se lhe dava— alguma coisa que ele ansiava por ter. Corri ao seu encontro. «Anton, Anton,» gritei. «Tenho um capote para você.» Tive, mais uma vez, diante de mim, a luz serena e tranquila que brilhava nos seus olhos. Nada o surpreendia no meu gesto. Parecia-lhe natural que alguém, possuindo um capote de que não necessitasse, o oferecesse prontamente a outro, que dele tanto estava em precisão.

Mandei buscar pela cozinheira todas as minhas roupas usadas de que eu pudesse abrir mão. Ele passou tudo em revista, apanhou um capote, experimentou-o, e disse então calmamente: «Este serve.» Mas o disse com o ar de um cavalheiro que se decide por um dos artigos trazidos, numa loja à sua escolha. Depois, relanceando os olhos sobre as outras coisas, ajuntou: «O senhor podia dar estes sapatos a Fritz, no Salsergrasse, que está precisando de um par; e as camisas a Josef, na Praça—ele pode aproveitar. Se o senhor quiser, faça entrega.» Tudo isso no tom magnânimo de quem se dispõe de bom grado a fazer um favor. Sentí-me no dever de agradecer-lhe a distribuição que fazia de objetos a mim pertencentes a pessoas que me eram completamente estranhas. Ao amarrar tudo numa trouxa, comen-

tu, finalmente: «O senhor é uma boa pessoa. É bonito dar estas coisas aos mais precisados.» E sumiu-se.

Curioso! Nenhuma crítica, ainda a mais entusiástica, feita a qualquer dos meus livros, me deu mais prazer ao coração do que esse louvor ingênuo. Pelo tempo adiante, não poucas vezes me lembrei de Anton e sempre com gratidão, porque poucas pessoas na vida me fizeram tanto bem ao espírito. Não raro, quando estúpidas pequenas questões de dinheiro começam a preocupar-me, tenho evocado aquele pobre homem que vivia calmamente cada dia, por não aspirar a mais do que o preciso para passar cada dia. E então não cesso

de considerar: «Se todos aprendessem o segredo da total confiança mútua, não haveria polícia, nem cortes de justiça, nem prisões, nem dinheiro. Não se dará, porventura, que todo o nosso complicado sistema econômico encontraria remédio se cada qual de nós—tal como Anton—desse o mais que estivesse ao seu alcance, não se preocupando em receber senão de fato o correspondente às suas necessidades?»

Há já alguns anos não ouço falar de Anton. Mas haverá pouca gente cujo destino me inspire menos temor: bem sei que Deus nunca o deixará no abandono e—o que mais é—tampouco os homens.



## *Na vanguarda da Cirurgia*

*Por Lois Mattox Miller*

### *O caçador de estilhaços de bala*

O DR. JOHN J. MOORHEAD, professor de Cirurgia na Escola Médica de Nova York, estava fazendo conferências sobre cirurgia de urgência, quando os japoneses atacaram Pearl Harbor. Sem perda de tempo correu ele ao Hospital Geral Tripler, e tomou conta de muitos casos difíceis de feridos por estilhaços de bombas. Sobre, em derredor e no interior das feridas, passou um estilete de aço ligado por um fio a um instrumento que parecia um pequeno aparelho de rádio. Quando a agulha, depois de mover-se nervosamente, parava num mostrador, isto queria dizer que tinha sido localizado um fragmento de metal. Embora este fragmento estivesse im-

plantado profundamente, o localizador trabalhava com precisão e presteza. Os cirurgiões podiam operar prontamente e com segurança. O localizador de corpos estranhos, aperfeiçoado para o dr. Moorhead pelo jovem engenheiro eletricista Samuel Berman, da Companhia de Trânsito de Nova York, eliminou a aplicação demorada dos raios X e a incerteza da exploração cirúrgica com estiletos. O «estilete mágico» cirúrgico pode assinalar a presença de aço, cobre, bronze e alumínio, e encontra fragmentos sepultados, que não seriam denunciados pelos raios X. Antes da partida do dr. Moorhead para o Havaí, o aparelho tinha sido experimentado apenas uma vez. Um policial ferido na explosão duma bomba na Feira